

## **Tradução da Embaixada do Brasil**

### **Texto curatorial**

Após o golpe de Estado no 24 de março em 1976 na Argentina, a vida de León Ferrari e de sua família sofreu mudanças imprevisíveis. Em novembro daquele ano ele saiu abruptamente para o Brasil com nove membros de sua família. Seu filho mais novo, Ariel, decidiu ficar no país e foi desaparecido em fevereiro de 1977.

“Léon Ferrari. Brasil 1976-1991” aborda a figura do artista em seus 15 anos de exílio na cidade de São Paulo, fato que sem dúvida impactou suas ações, decisões e sua produção durante este período.

Aos 56 anos chegou ao Brasil e assim se distanciou da profissão de engenheiro e a fábrica de compostos químicos que ele mesmo havia criado na garagem de sua casa em Castelar, para se dedicar plenamente a ser artista.

Ferrari era um artista autodidata, totalmente permeável a novas técnicas, temáticas e disciplinas. Podia trabalhar apaixonadamente com tinta da China e aço inoxidável, assim como com excrementos de pássaros. Em algumas entrevistas ele se referiu àqueles anos de exílio como “um tempo de grande experimentação e incorporação de outras mídias: Letraset, fotocópia, gravura, carimbo, heliografia, arte postal, planos [...] a figuração também começou a aparecer, com elementos claros como os da arquitetura, era como receber um presente.” Talvez a profunda admiração que sentia por seu pai, o arquiteto, pintor e fotógrafo Augusto Ferrari, o fato de trabalhar com grandes planos e decidir criar peças para poder viver da arte o aproximou de alguma forma à sua figura.

A liberdade criativa e contato com importantes artistas da cena em São Paulo, especialmente com aqueles ligados a práticas não violentas arte convencional, foram fatores determinantes para produzir obras com novos elementos e procedimentos, além de continuar fazendo desenhos e retomar a produção de esculturas abstratas.

Esta exposição é como uma lupa que repousa, ao mesmo tempo, sobre aquela produção de obras criadas naquele contexto e em sua figura peculiar, que articula a criação estética com as lutas pela verdade e pela justiça.

Na seleção, foi incluído material documental do arquivo do artista, contemplando seu valor inédito e contextual, que complementa a seleção de obras ao expor de outra perspectiva, reflexões de temas, medos, ideias e laços que através de cartas e fotografias cristalizam o sentimento de exílio e as preocupações e desenraizamentos que essa experiência selou em milhares de argentinos.

Portanto, além de exibir a faceta do “artista” e seu entusiasmo diante de uma experiência criativa ilimitada, acrescenta um espaço dedicado ao seu filho Ariel, desaparecido pelo Terrorismo de Estado em 1977, com material de uma investigação realizado pela equipe do Centro de Estudos Jurídicos e Organizações Sociais (CELS) em 2020, onde se sintetiza o forte ativismo de Ferrari e o enorme trabalho estratégico que começou a obter informações sobre o destino de seu filho e de sua companheira, Liliana Mabel Bietti.

León Ferrari no Parque da Memória significa muito mais do que uma exposição de um artista, é também uma tentativa de cristalizar a complexa trama entre arte, vida e política de uma figura que com as suas ações pode, ainda hoje, inspirar lutas no presente e ser um farol de aprendizagem, reflexão e justiça no futuro

Andrea Wain

### **Texto 1 da sala**

Logo após sua chegada a São Paulo, Ferrari contactou o artista Regina Silveira e começou a fazer aulas de gravura, técnica com a qual ele continuou trabalhando por muitos anos. Simultaneamente, projetos com os símbolos Letraset combinados com tintas e carimbos tornaram possível criar centenas de obras, que fizeram parte de seu processo de criação (sempre experimental) para outras séries: livros, xerocópias e heliografias. Este último poderia ser dobrado e enviado como arte postal. Os usos criativos de múltiplas máquinas de reprodução marcaram o interesse do artista por trabalhos de baixo custo, acessíveis e intercambiáveis. Ao mesmo tempo, facilitaram a possibilidade de publicar seus próprios livros de artista com os selos editoriais que criou no Brasil (Exú e Licopódio), muitos enviados ao exterior, acompanhados de cartas a galeristas, curadores e amigos. A troca de cartas constituía um pilar da afetividade naquele período. Laços profundos que evidenciam uma ininterrupta comunicação expressando ideias, reflexões, preocupações sobre subsistência e o contexto argentino e os desaparecidos. Nas cartas, a amorosidade e o urgente persistem em palavras que vão e vêm como um oásis de contenção, ajuda e alívio. Neles, o lugar da poética daquela catártica descrição cotidiana que, por momentos, comunica o inexprimível. Todos os documentos e trabalhos deste espaço permitem trazer projetos, pensamentos e apreciações em primeira pessoa. Fotos, notas nos cadernos, obras e palavras se unem no mutável e complexo contexto daqueles anos de exílio.

### **Texto 2 da sala**

A série *Nós não sabemos* começa a ser feita alguns dias depois do golpe de Estado de 24 de março de 1976, retomando o trabalho com comunicados de imprensa em obras importantes da década anterior. Ferrari compila notícias publicadas nos meios de comunicação de massa, aquelas que, em suas palavras, “conseguiram passar pela peneira da censura, ou que se deixaram passar como mensageiras do terror”.

A seleção de algumas páginas da série é exibida em conjunto com desenhos abstratos cujas datas coincidem com os recortes dos jornais. Ferrari separa e guarda aquelas notícias, simultaneamente

desenhando, fazendo suas mãos vibrarem com o terror do lido, recortado e compilado.

A distinção, em sua longa carreira, entre a produção poética e a política funde-se sutilmente nesta conexão de trabalhos, onde a tensão está subjacente às abstrações criadas por aqueles meses, até novembro, quando se exilou com nove membros de sua família no Brasil. Ariel, o filho mais novo de León e Alicia Ferrari, decidiu permanecer na Argentina e foi desaparecido em 26 de fevereiro de 1977.

Sua companheira, Liliana Mabel Bietti, que havia se exilado com a Família Ferrari, voltou para procurá-lo e foi desaparecida alguns meses depois. Uma homenagem às suas memórias é apresentada a partir de material do arquivo do artista, no qual evidenciam-se as estratégias de Ferrari na procura de verdade e justiça por Ariel e Liliana. Esta seleção de documentos faz parte de uma investigação realizada pelo Centro de Estudos Jurídicos e Sociais (CELS) em 2020.

Este espaço da exposição, a poucos metros do banco de dados de consulta pública que faz parte do arquivo do Parque de la Memoria, sintetiza uma das experiências mais dolorosas na vida do artista e de sua família, ao mesmo tempo em que são expostos muitos dos catálogos, cartazes, convites e outros materiais que dão conta desse tempo de “recomeçar” que marcou o exílio. A intensa vida cultural de Ferrari, sua inclusão como artista brasileiro em dezenas de projetos expositivos, a admiração que causou em seus pares paulistas com suas contribuições, a liberdade criativa e a abundância experimental que encontrou no Brasil puderam constituir-se como um apoio para contrabalancear um momento de profunda dor.